



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

PADRE WELISON BORGES DE LIMA

**A FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA DA EVOLUÇÃO NO
PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER**

Sua contribuição para o homem moderno

Anápolis-GO

2015

PADRE WELISON BORGES DE LIMA

**A FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA DA EVOLUÇÃO NO PENSAMENTO DE
JOSEPH RATZINGER**

Sua contribuição para o homem moderno

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Católica de
Anápolis no curso de bacharelado em
Teologia na disciplina TCC sob a
orientação do Professor Dr. Fr. Flávio
Pereira Nolêto, O.F.M.

Anápolis-GO

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

PADRE WELISON BORGES DE LIMA

**A FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA DA EVOLUÇÃO NO PENSAMENTO DE
JOSEPH RATZINGER****Sua contribuição para o homem moderno**

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em ____ de _____ de 2015, com nota _____ avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.

Presidente da Banca Doutor Frei Flávio Noletto Pereira OFM

Prof.

Membro titular interno

Dedico este trabalho a Deus, do qual todas as coisa tem sua origem. Ao papa emérito Bento XVI. Aos familiares pela oração e aos colegas pela alegria de estarmos juntos no decorrer deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas graças que de diversas maneiras nos chegam.
A Sempre Virgem Maria, que com o seu Sim, trouxe ao mundo o Salvador.
Aos professores que nos ajudaram muito com a sua paciência.
Aos colegas que compartilharam conosco muitas experiências e nos ajudaram copiosamente.

“A meta do cristão não é uma bem-aventurança particular e sim o todo. Ele crê em Cristo e por isso crê no futuro do mundo, não apenas em seu próprio futuro”

(Papa Bento XVI)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar estes dois pontos de vistas que para muitas pessoas são controversos, para outras como ideias juxtapostas. Seguindo a colaboração dada por Joseph Ratzinger neste assunto, vemos até onde é possível aceitarmos os dois pontos de vista, quando é falho esta união e quais os aspectos que cada um traz consigo na procura de se entender o homem.

Palavras-chaves: Criação. Criacionismo. Evolução. Charles. Darwin. Joseph Ratzinger.

ABSTRACT

This work aims to present these two points of view that are controversial for many people, as juxtaposed to other ideas. Following the collaboration given by Joseph Ratzinger on this subject, see how far you can accept the two points of view, when this union is flawed and which aspects each brings in seeking to understand the man.

Keywords: Creation. Creationism. Evolution. Charles Darwin. Joseph Ratzinger.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	0
1 O PENSAMENTO EVOLUTIVO DE DARWIN E A FÉ NA CRIAÇÃO.....	10
1.1 O PENSAMENTO EVOLUTIVO, OU MELHOR, AS TEORIAS DE DESCENDÊNCIA DAS ESPÉCIES.....	10
1.2 ASPECTOS QUE DECORREM DA TEORIA.....	12
1.3 A NOÇÃO DE CRIAÇÃO.....	13
2 O PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER DIANTE DA FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA EVOLUCIONISTA.....	16
2.1. A FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA EVOLUCIONISTA	16
2.2. AS MUDANÇAS E OS EMBATES SURGIDOS DA TEORIA DA EVOLUÇÃO ..	17
2.3 AS DISTINÇÕES DOS CONCEITOS.....	18
2.4 PRESSUPOSTOS A SEREM CONSIDERADOS.....	20
2.5 A FÉ NA CRIAÇÃO PODE ACOLHER O CONCEITO DA EVOLUÇÃO?	21
3 O CAMINHO PARA UMA SOLUÇÃO NESSE QUESTIONAMENTO, SEGUNDO RATZINGER.....	24
3.1 UM OLHAR PARA OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO GÊNESIS.....	24
3.2 O MUNDO COMO UMA REALIZAÇÃO DE UM PENSAMENTO CRIADOR	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos temos visto uma grande evolução não apenas nas ciências tecnológicas, mas sobretudo no pensamento da humanidade. Todavia, aquelas de hoje em dia não estão menos confusos que os de outrora, apenas possuem mais opções para refugiarem a sua confusão. Se por um lado temos uma teoria que desenrolou em uma avalanche sobre as ciências então conhecidas, a teoria da evolução, por outro, temos a fé como a explicação de tudo, a fé em uma verdade criadora de todas as coisas.

Se estes dois assuntos podem ou não coabitar na mesma casa, nos resta analisarmos com a ajuda de um dos maiores teólogos do final do século passado e do começo desse milênio, Joseph Ratzinger. Como entendermos que a fé na criação, uma parte da teologia que é considerada uma das pilastras da fé, possa ser questionada pela ideia evolutiva e continuar a alimentar a fé em Deus Criador de todas as coisas, como professamos no credo?

Seria possível enxergar a teoria, ou as teorias da evolução frente ao pensamento de que as coisas foram criadas por um intelecto, todas planejadas desde a primeira ação e até a última reação? Deixemos Ratzinger nos mostrar os passos dos seus pensamentos, pois este professor também um dia se inquietou com o confronto destas duas ideias, e nos deixou em suas obras, uma mescla do seu pensamento. Por isso neste trabalho, vamos seguir um caminho, levados pelo pensamento do nosso autor, com a ajuda de outras fontes da igreja, teremos os fatos que nos levarão as evidências diante de nós, que nos ajudarão a compreendermos do que se trata esses dois pontos de vista em seus aspectos convergente e divergentes.

Que temos realizar essa trajetória, isto é essencial, ainda mais para almejar a verdade no nosso coração, como nos falou São João Paulo em uma de suas encíclicas; “todos os homens desejam saber, e o objeto próprio desse desejo é a verdade [...] Em toda criação visível o homem é o único se que é capaz não só de saber, mas também de saber que sabe” (JOÃO PAULO II Fides et Ratio, p. 38). Com esta mesma disposição que Ratzinger expõem o seu raciocínio, estabelece as distinções e nos situam em sua forma de pensar.

Compreender o alcance da teoria da evolução e preservar a ideia da Criação se faz necessário, contudo em nossa pesquisa não temos por intenção fazer um aprofundamento do pensamento evolucionista, tanto que no primeiro capítulo, traz brevemente um pequeno resumo. Muito menos da doutrina da Criação que é muito vasta, veremos apenas a possibilidade de colocarmos as duas correntes à nossa frente para simplesmente olharmos para elas, mas é claro que ao nosso lado estará o professor Ratzinger, que a esses alunos (nós), indicará os pontos e o caminho da compreensão, o mesmo trilhado por eles.

Após ler este trabalho, deixe apenas as evidências falarem, se você se considera ajudado pelo evolucionismo, considere o fato da possibilidade de não entender toda a teoria, se anda pela luz da fé na criação, então a observe sob novos aspectos, com certeza para ambos, Ratzinger tem muito o que dizer.

1 O PENSAMENTO EVOLUTIVO DE DARWIN E A FÉ NA CRIAÇÃO

1.1 O PENSAMENTO EVOLUTIVO, OU MELHOR, AS TEORIAS DE DESCENDÊNCIA DAS ESPÉCIES

Em primeiro lugar, se faz muito necessário a importância de estarmos a parte dos nossos conceitos que trabalharemos, seguindo os autores modernos, encontramos com o professor e doutor Nélio Bizzo, uma explicação do pensamento evolutivo de Darwin, vale notar que o nosso autor escreveu uma série de livros, dentre os quais muitos estão nos currículos das escolas em todo o Brasil.

O nosso autor nos lembra a respeito do reconhecimento de Charles Darwin, como o pensador ele estabeleceu bases sólidas para o pensamento evolutivo contemporâneo. Que não tenha medido esforços nas suas viagens isso é muito evidente, à bordo do navio H. M. S. Beagle do seu país na condição de naturalista, ele conheceu as regiões tropicais como na América do Sul e Galápagos, realizando as viagens que evidenciariam e dariam origem à suas ideias.

Darwin se convenceu de que as espécies se transformavam com o tempo e desenvolveu uma teoria que explicasse isso, na época era comum a teoria da transmutação, a que era proveniente do pensamento de Lamarck. Após os seus estudos e pesquisas para entender como ocorriam as alterações na descendência dos seres vivos, ele descrevia a evolução como descendência com modificações.

Vale notar ainda que os méritos da teoria da evolução não são aplicadas somente à Darwin, mas também ao seu colega Alfred Russel Wallace, que tinha elaborado uma teoria semelhante a sua, mesmo que a de Darwin estivera sendo escrita em sigilo. Com a publicação das duas no mesmo período, a de Wallace em 1 de julho de 1858 e de Darwin no ano seguinte, coubera, portanto aos dois cientistas, a autoria da teoria de descendência com modificações por meio da seleção natural, ou simplesmente o que todos chamam de teoria da Evolução (BIZZO, Novas bases da biologia, vol. 3, 2012, p. 218).

Em um resumo, as ideias da teoria da Evolução podem ser apresentadas em cinco teorias relativas independentes, aqui fica um pequeno resumo delas segundo são apresentadas por Nélio Bizzo:

1. A evolução como ideia: É atribuída à Darwin, também pelo mérito de ter reunido inúmeras provas e argumentos muito convincentes para a família científica, mesmo que no livro *A origem das Espécies*, o termo em si seja utilizado apenas duas vezes, todavia não cabe apenas a sua pessoa, mas dentre estes destacamos também Alfred Russel Wallace.

2. A evolução como árvore da vida: Em especial Darwin, acreditava que alguns poucos microrganismos teriam começado o processo de evolução, e assim todos teriam um suposto ancestral comum. A chamada teoria da ascendência comum e ramificação, esta teoria considera que todos os seres vivos compartilham algum ancestral comum.

3. Gradualismo: Darwin acreditava que as mudanças evolutivas ocorriam em passos pequenos e, portanto, deveriam ter existido formas intermediárias: Na sua principal obras, o autor se depara com a questão:

Não oferece dúvida alguma que muitas espécies se desenvolveram de uma forma excessivamente gradual. As espécies e mesmo os gêneros de numerosas grandes famílias naturais são tão aproximados que é muitas vezes difícil distingui-los uns dos outros. Em cada continente, indo do norte ao sul, das terras baixas às regiões elevadas, etc., encontramos uma série de espécies análogas ou muito próximas; notamos o mesmo fato em certos continentes separados, mas que, temos toda a razão em acreditá-lo, foram outrora reunidos. Infelizmente, as notas que precedem e as que vão seguir-se obrigam-me a fazer alusão a assuntos que teremos de discutir mais para diante. Quando se consideram as numerosas ilhas rodeando um continente, ver-se-á quanto os seus habitantes não podem ser elevados a não ser à classificação de espécies duvidosas. O mesmo acontece se estudarmos o passado e se compararmos as espécies que acabam de desaparecer com as que vivem atualmente nos mesmos países, ou se fizermos a mesma comparação entre as espécies fósseis escondidas nos andares sucessivos de uma mesma camada geológica (DARWIN, *A origem das espécies*, p. 274).

4. Evolução por multiplicação de espécies: A evolução ocorreria em populações, quando se torna mais presente nelas características que os levariam a estarem mais preparados do que outras espécimes ao meio. Também é levado em consideração como o isolamento geográfico de certas espécies.

5. A evolução por seleção natural: Esta cabe aos dois cientistas, ambos intuíram que até os indivíduos de uma mesma espécie, não são iguais e nem todos deixarão igual número de descendentes, por isso seguem as variações ao longo das

gerações. Em milhares de anos cabia a própria natureza o feitiço de uma seleção, sobrevivendo aqueles que são mais fortes e adaptados ao meio.

1.2 ASPECTOS QUE DECORREM DA TEORIA

Sem sombras de dúvida que a teoria da evolução, abriu um leque para novos campos da investigação científica, dirigiu também os olhares de todo o mundo científico para o feito da evolução. Por um lado, como nos fala o professor de Teologia Dogmática de Navarra, José Morales, as hipóteses de Darwin parecem sugerir uma concepção materialista sobre a origem do mundo e do homem, o que ele nota ser uma alternativa profana a noção cristã da Criação. Assim tornando para muitos como que uma cartilha, ou melhor um catecismo para professar a sua incredulidade em Deus, deixando de ser vista como uma teoria mais ou menos fundada e sim uma ideologia implicitamente negadora de Deus (Morales, p. 130, minha tradução).

Segundo Morales, suas consequências produziram diversos efeitos, inclusive muito bons no campo da exegese Bíblica e da teologia. Como exemplo, mencionamos a leitura da bíblia, que ficou bem clara a especificação de que ela não se trata de um livro científico. Também deve ser levado em conta o crescimento na teologia do apreço pela consciência das causas segundas e a necessidade que todos os seres vivos possuem de Deus, tendo nele a sua origem primeira e governo.

Em contrapartida, em muitos setores, houve um distanciamento entre a ciência e a religião, apagando a visão cristã do homem em suas concepções, desligando a origem da vida ao seu criador supremo. O início da vida passa a ser visto apenas como que um efeito de evoluções, excluindo toda a finalidade e ação de Deus.

Em tudo isto, logo Deus se torna apenas uma ideia, um produto das mentes e em seu lugar fica a evolução como fenômeno absoluto, passando a ser uma religião. É desta forma que ela ocupa o lugar da criação, ficando como que dois pontos em extremos, sem nenhuma abertura para o diálogo. De um lado estão todos aqueles que defendem a evolução absoluta, entendida como uma nova fé, com a ideia monista da natureza que se opõem a noção de criação. Do outro lado ficam

aqueles que entendem que tudo foi feito a partir de uma mente criadora, tudo foi planejado por uma inteligência e sem abertura para nenhuma evolução.

E por fim, falamos ainda dos que a cada dia conseguem uma conciliação entre esses dois campos do saber, entende-se que apesar da diferença entre elas, a teoria adequadamente entendida é apenas uma objeção a determinados pontos da fé, não um obstáculo. Faz se presente a necessidade de entender a noção de criação, pois, seremos interpelados por Joseph Ratzinger sobre o seu significado.

1.3 A NOÇÃO DE CRIAÇÃO

Segundo ainda José Morales, esta ideia, é bem precisa e determinada, referindo-se ao ato criador de Deus que produziu a totalidade de tudo o que existe. Este assunto chega a ser mais vasto que o da evolução, por que é um ponto essencial na teologia, sendo considerado umas de suas bases e dele já muito se escreveu.

Tratar da criação, pode ser feito sobre diversos aspectos, mas o tema em si estabelece a relação correta entre Deus e o mundo. Ele se faz necessário, pois impede que haja todo erro de uma possível confusão entre o mundo (criado) e Deus (criador), de que possam ser a mesma coisa. Esta ideia é encontrada em alguns pensadores e em grupos, tanto religiosos como profanos, encontramos nos estoicos, no monismo de Baruch Espinosa e em espiritualidades budistas e outras correntes orientais.

Pelo contrário, a teologia cristã vê a Criação como um ato divino, implicando uma passagem radical e absoluta do não-ser para o ser. A fé na Criação define a produção do 'ser' inteiro das coisas ou então a produção das coisas segundo toda a sua substância, como afirmou o próprio Santo Tomás na Suma Teológica (SANTO TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica 1,65,3).

No ato Criador, é Deus quem produz o que existe enquanto que existe. Todas as coisas que existem, filosoficamente falando, participam neste ato de *ser* de Deus, que é uma perfeição acima de todas as perfeição em todo indivíduo existente. É muito fácil concluir que este mistério da criação é uma verdade religiosa de grande

alcance, e simultaneamente uma categoria ontológica, pondo-nos em contato direto com o grande mistério do ser e sua causa última (JOSÉ MORALES, p. 124, minha tradução).

Na Suma Teológica a criação é definida também como uma emanção de todo o ser, realizada por Deus, *Emanatio totius entis a Deo* (SANTO TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica 1,45,1). Emanção é empregada aqui como produção e a origem, não uma geração, que é algo totalmente diferente, porque nesta última, haveria uma comunicação de uma natureza ao ser gerado, sem produzir algo de novo, como podemos ver não é esse o nosso caso.

Faz se necessário frisar devido ao tema, ainda com Santo Tomás, o ato de gerar, confere uma forma, mas pressupõem antes uma matéria. Uma mutação ou evolução (podemos utilizar o nosso termo), tem com conclusão um novo ser, uma nova realidade. Ficando assim, que a Criação é muito mais perfeita que a geração, porque tem como resultado todo o ser das coisas criadas a partir do nada, e não implicando nenhum movimento a não ser o do Criador.

Segundo ainda o professor José Morales, temos três aspectos que são básicos no ato Criador de Deus.

1. O Criador não sofre mudanças ou modificação alguma simplesmente por criar: Ele não perde e muito menos adquire nenhuma perfeição, o ser divino não é afetado pela criação. Esta verdade pressupõem-se da imutabilidade de Deus, porque a criação não é nada em Deus, apenas algo nas criaturas. Nestas, é algo de real, uma relação com o Criador, tendo nele um princípio e origem do ser.

2. A criatura é real e completamente distinta do Criador: Embora ambos existam, a criatura não existe da mesma forma que o Criador, o ser é apenas participado, mas não sendo todavia o mesmo de Deus, ela não tem um ser comum ao Dele. Por isso Santo Tomás reforça a sua ideia de que há uma participação das criaturas no ser de Deus, sendo uma participação limitada e imperfeita. Por fim, o que melhor sintetiza todas essas ideias é que Deus tem o ato de ser por essência, Ele é o próprio ato de ser, diferente das criaturas que, como vimos, são apenas por participação, elas não são o próprio ato de ser.

A noção de participação implica dessa maneira, a total dependência da criatura em relação a Deus. Bastaríamos citar todos os atributos de Deus que seriam suficientes para distinguir essa grande diferença entre o Criador e a criatura.

3. O criado é totalmente criado: Seguindo esse pressuposto, não se sabe de nada de uma matéria preexistente ou informe ou ainda uma matéria prima que Deus tenha usado para modelar o mundo. Como dito em latim, tudo foi feito *exnihilo*, a partir do nada. Não houve nenhuma ajuda, nenhuma mutação, evolução de algum ser antes existido, simplesmente Deus fez todas as coisas *exnihilo*.

Todas essas características são importantes porque conservam a ideia correta, guarnecem a verdade da criação. Não adotar esses conceitos de criação na história da salvação, seria incorrer em um perigo e o risco de manchar toda a distinção entre o que Deus fez no princípio e a recreação na graça, ou seja, de todo o mistério salvífico da humanidade (JOSÉ MORALES, El misterio de la Creacion, p. 127 e 128, minha tradução)

2 O PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER DIANTE DA FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA EVOLUCIONISTA

2.1 A FÉ NA CRIAÇÃO E A TEORIA EVOLUCIONISTA

No seu artigo de 1977 publicado em Munique, e que se encontra em português no livro *Dogma e Anúncio*, o então Bispo Joseph Ratzinger tem uma preocupação central a respeito desse assunto, porque via o que ele representava para a fé. Antes, já havia tocado no tema, quando em 1969 fez uma alocução no rádio, e esta deu origem a um artigo, publicado com o nome de Fé e Saber. Tudo isso mostra Pablo B. Sarto no seu livro *La teologia de Joseph Ratzinger*, segundo o autor, o cardeal Ratzinger deu uma especial importância a esse tema como um dos assuntos de mais relevantes na pregação Cristã naqueles anos.

O catecismo da Igreja Católica também salienta isso, nos indicando o caminho a ser seguido por cada um, a consideração necessária para com os aspectos da criação de Deus. Vale lembrar a forte contribuição dada pelo cardeal Joseph Ratzinger, que integrava em já 1986 uma comissão de doze Cardeais e Bispos, no qual ele era o presidente, a fim de preparar os projetos para o Catecismo, sem mencionar o seu trabalho e sua cooperação na redação e conclusão no já citado documento (*CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*, citado na Constituição Apostólica *Fidei Depositum*).

O Catecismo nos mostra que a nossa inteligência nos dá uma resposta para a questão das origens, a ideia de Deus como Criador nos é conhecida, devido as suas obras, graças à luz da nossa razão humana. Em seguida ele nos confirma a importância para com esse tema, a verdade da criação se nota pelo fato de ser o próprio Deus que vai se revelando aos homens, nos seus aspectos de Criador. Isto chega até o ponto de podermos colocar a Revelação da criação como que inseparável da Revelação e da realização da Aliança de Deus com o seu Povo (Catecismo da Igreja Católica n. 286 ao 289).

É nesse contexto que nos situaremos olhando para a contribuição do pensamento de Ratzinger e a conexão que ele tem com todo o pensamento do magistério da Igreja. Nesse primeiro instante, lancemos os nossos olhares para o

caminho indicado por Ratzinger a fim de entender mais a fé na Criação e a Teoria Evolucionista.

2.2. AS MUDANÇAS E OS EMBATES SURGIDOS DA TEORIA DA EVOLUÇÃO

A primeira coisa que Ratzinger nota acertadamente é a respeito da revolução que a teoria de Charles Darwin ocasionou. Em primeiro, ela foi um desafio ao pensamento da época, por isso somos levados aos meados do século XIX, quando se desenvolveu a ideia da evolução de todos os seres vivos. A ideia questionava a tradicional concepção da constância das espécies criadas por Deus, como aparece na Sagrada Escritura que determina assim um modelo cosmológico de criação e início da vida.

Foi tão grande a cisão que provocava a teoria, que Ratzinger a compara com aquela provinda da teoria de Copérnico, que mudou a visão das pessoas em sua época em relação a centralidade do universo. Pois em relação aos efeitos oriundos da teoria da evolução, se entende melhor quando lembramos de que até no começo do século XIX, a visão do quadro temporal ainda era muito reduzida. Muitos autores, como Jacó Grimm e W. Wachsmuth, tinham em seu pensamento que a idade do mundo era apenas de seis mil anos, conforme os cálculos das cronologias bíblicas.

Foi diante desta noção de tempo, que a teoria também veio se chocar e a obrigou a se alargar. Ratzinger indica que ela tocou o homem de maneira mais profunda do que a ideia de Copérnico, porque essa segunda referiu-se o espaço enquanto a primeira toca o tempo. “A noção da realidade se altera, o devir toma o lugar do ser, a evolução e da criação, a ascensão o da deterioração” (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 129 e130).

Diante desses apontamentos de Ratzinger, olhamos que não foi apenas na história do pensamento em conjecturas filosóficas que essa maré veio dar em cheio, mas a teologia se viu envolvida. Com isso teve de prontamente pronunciar a respeito do assunto, e assim as vozes da Igreja logo se fizeram ouvidas.

Por primeiro temos a Pontifícia Comissão Bíblica se pronunciando oficialmente em 1909 contra a interpretação metafórica dos primeiros capítulos do Gênesis, como nos mostra o padre jesuíta Alfredo Dinis S.J. em um artigo da revista portuguesa Brotéria, em outubro de 2009.

“[...] (ela se pronunciou) contra a interpretação metafórica, não literal e histórica, do texto bíblico sobre a criação do mundo e, em particular, de Adão e Eva” (Revista Brotéria, p.534).

O tema também faria parte de uma encíclica, a Humani Generis, do papa Pio XII, se posicionando que se por um lado a evolução possa ser aceita quanto o surgimento do corpo, por outro lado ela não conseguiria explicar a origem da alma, uma vez que é o próprio Deus que a realiza.

O magistério da Igreja não proíbe que nas investigações e disputas entre homens e doutos de ambos os campos se trate da doutrina do evolucionismo, que busca a origem do corpo humano em matéria viva preexistente (pois a fé nos obriga a reter que as almas são criadas por Deus), segundo o estágio atual das ciências humanas e as sagrada teologia, de modo que as razões de uma e outra opinião, isto é, dos que defendem ou impugnam tal doutrina, sejam ponderadas e julgadas com a devida gravidade e moderação (PIO XII, Humani Generis, n. 36).

Tudo isso são os princípios de uma longa caminhada que estava por vir ao longo desses dois séculos e que perdura até hoje. No pensamento de Ratzinger, ele enxerga que esse problema se apresenta da seguinte forma:

Queremos debater a seguinte questão: As ideias fundamentais da criação e da evolução podem se subsistir juntas, contra a aparência inicial, sem que o teólogo entre num compromisso pouco honesto, declarando, por motivos táticos, supérfluo o terreno impossível de defender, depois de pouco antes o ter declarado com todo o volume da voz uma parte insubstituível da fé (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 130)

Resta a nós acompanharmos o seu pensamento, a sua abordagem desta questão que enquadra facetas muito contraditórias entre si.

2.3 AS DISTINÇÕES DOS CONCEITOS

Seguindo o seu pensamento no artigo A Fé na Criação e a teoria Evolucionista, somos levados a abordar por determinados passos. Em primeiro,

evitar qualquer embate com entre as ideias, encará-las assim seria imprudente, pois nunca chegaríamos a uma solução. Por isso que Ratzinger mostra que o conceito que temos por criação, deve ser ainda aprimorado em alguns aspectos, como a respeito da ideia da constância das espécies, que surgiu a partir da ideia da criação.

A ideia clássica da criação vê cada espécie particular como fruto da ação imediata de Deus, desde o começo do mundo, e cada espécie apresenta-se na sua individualidade. Nesse ponto o Cardeal não hesita em afirmar que essa colocação da fé hoje em dia está insustentável, mas se pensarmos melhor, e a partir de um esclarecimento, notamos que nós mesmos não sabemos tudo o que engloba o conceito de criação (RATZINGER, Dogma e anúncio p. 130).

Por isso ele trata de especificar e situar as duas formas de pensamento abordando os temas e os distinguindo num nível filosófico. A fé na criação se pergunta pelo ser como tal, pelo fato de se ter alguma coisa e não, faz a passagem do nada em absoluto para o existente. Já o pensamento evolucionista indaga a respeito do motivo destas coisas serem assim e não de outra forma, de onde elas receberam as suas determinações e como se relacionam com outras formações no decurso de um processo.

Ratzinger distingue pensamento evolucionista, situando-o no nível dos fenômenos, enquanto a fé na criação se move no nível ontológico, se preocupando com as coisas individuais. O primeiro visa explicar o porquê das diferenças dos seres entre si e o segundo refere-se entre a diferença entre o nada e o algo. A criação caracteriza o ser na sua totalidade proveniente de um Criador e a evolução descreve o ser internamente, da forma que surgiu em relação a um outro. Nos resta concluir com o nosso autor, que temos não apenas dois campos diversos de problemas, mas até duas formas diferentes de pensar, porque são duas maneira sui generis de encarar um mesmo fato, como que duas cabeças, cada uma com a sua forma de compreender o mesmo mundo (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 131).

Mais tarde o papa São João Paulo II falará na sessão Plenária da Pontifícia Academia das Ciências, mostrando esses mesmos raciocínio e se perguntando pelo alcance desta teoria. Como ele compreendeu ao fazer essa abordagem, estamos na verdade adentramos no campo da epistemologia, onde antes se faz mister analisar os critérios do que se entende por uma teoria e o que necessariamente a faz ser válida. Aqui ele diz que o mais certo é antes falarmos de

que há teorias da evolução, porque as filosofias por detrás também são muitas, e sem esquecer das leituras materialistas e reducionistas, da mesma forma das leituras espiritualistas por detrás dela (Pronunciamento do papa João Paulo II para a Pontifícia Academia de Ciências).

Dez anos mais cedo na sua obra intitulada *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger simplesmente tinha mostrado a diferença que há na abordagem entre a fé na criação e a ideia evolucionista. Segundo ele, a direção que devemos percorrer é o mesmo que faz somente a fé, ao ter uma opção pela verdade, no sentido de que ela busca a inteligibilidade e não um sentido secundário para o ser, o que seria uma redundância. Nesse mesmo percurso, a fé na criação, é antes de tudo uma decisão mental do ser que tem origem, sentido e entendimento. Ele escrevia que:

Esta fé nada mais é que a expressão da convicção de que o espírito objetivo, que encontramos em todas as coisas e com o qual passamos a entender cada vez mais as coisas, é vestígio e expressão de um espírito subjetivo, e que a estrutura mental que é própria do ser e que podemos refletir é expressão de um pensamento criador prévio pelo qual elas existem (RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo* pag. 114).

2.4 PRESSUPOSTOS A SEREM CONSIDERADOS

O próximo passo para encarmos prosseguirmos em nossa abordagem é nos situarmos num segundo nível do problema. Sob um novo ponto de vista, Ratzinger aborda o tema de forma curiosa, convidando-nos a nos deslocarmos para uma terra conceitual neutra no qual seja possível desconfiar desses dois pontos de vista e indo tateando na procura de sempre avançar.

Aqui temos de acompanhar as considerações proeminentes que se destacam:

1. A problemática do pensamento evolucionista é mais limitada do que a da fé na criação.
2. O pensamento evolucionista não pode incorporar a si, de nenhum modo, a fé na criação, daí que pode designar a ideia da criação como inaproveitável pra si. Dentro do material positivo segundo a ideia criadora não pode ocorrer.

3. Ao mesmo tempo, entretanto, o pensamento evolucionista deve deixar aberto a questão de que se a problemática ulterior da fé não é justificada, ao menos ela em si é possível.
4. Se portanto determinada concepção da ciência poderá considerá-la como extracientífica, contudo não pode baixar uma proibição de que o homem não possa olhar para a questão do ser como tal.
5. Essas questões últimas serão sempre indispensáveis para o homem que existe em face delas, não podendo ser reduzido a um simples experimento científico (RATZINGER, Dogma e Anúncio).

Joseph Ratzinger tendo em conta o pressuposto de que o pensamento evolucionista não pode incorporar a si, a fé na criação, se pergunta se então a fé na criação, por ser mais ampla, poderia acolher em si o conceito da evolução, ou contradiria ao seu ponto básico de partida?

2.5 A FÉ NA CRIAÇÃO PODE ACOLHER O CONCEITO DA EVOLUÇÃO?

Este pensamento é visto por muitos como a última escolha para salvaguardar a criação, foi neste caminho que abeiramos do discutido e curioso padre Jesuíta Teilhard de Chardin, com uma compreensão que mescla a fé cristã com as ideias evolucionistas e científica, ele tenta, com sua linguagem cheia de imagens cosmológicas e próprias das ciências, aproximar as duas correntes. Aclamado por uns e repudiado por outros, entre seus tantos escritos nos faz pensar em determinados pontos. Só que também é possível encontrar ideias que não soam muito bem aos ouvidos teológicos e nem nos tímpanos da ciência.

Selecionamos algumas poucas linhas do seu pensamento em que ele parte para esta tentativa de conciliação das duas correntes:

Criar, mesmo para o Todo-Poderosos, não deve mais ser entendido por nós à matéria de um ato instantâneo, mas ao modo de um processo ou gesto de síntese. O ato puro e o 'Nada' opõem-se entre si como a Unidade consumada e o Múltiplo puro. Quer isso dizer que o Criador, a despeito (ou melhor, em virtude) de suas perfeições, não poderia se comunicar imediatamente com sua criatura, mas que deve torná-la capaz de recebê-lo. Para poder dar-se ao plural, Deus deve unificá-lo à Sua altura. Das origens do Mundo até Ele, portanto, a

constituição do Pleroma se traduz necessariamente aos nossos espíritos por uma progressiva marcha do espírito (T. CHARDIN, Mundo, Homem e Deus, 1978, p. 162).

Ratzinger não fará esse percurso, ele ao invés de tentar uma conciliação, procura antes seguir uma distinção. No artigo da Fé na Criação e a teoria evolucionista, nos assinala que por um lado a fé na criação das diversas espécies e a pressuposição de uma imagem estática do mundo se tornam insustentáveis, o pressuposto básico é que, no mínimo a fé exigem a criação de um ser determinado, o homem. Se ele fosse um efeito da evolução então o seu espírito também seria um efeito do acaso, entretanto se originou por evolução, então a matéria é a origem primeira e suficiente de tudo o mais. O que torna Deus indispensável, fazendo-o desaparecer.

Temos de nos afrontar com a encruzilhada em que chegamos, ou todas as coisas são produtos de uma evolução e o homem também o é, ou pelo contrário elas não são. Ratzinger mesmo afirma que essa segunda opção está fora de cogitação, então nos restam a primeira e tudo encaminha a colocar um fim no primado do espírito e com isso o fim do primado da fé na criação.

Na história do pensamento, não faltaram aqueles que arguisse essa ideia e tentasse uma resposta. E se apenas o corpo fosse um produto dessa evolução? Salvaguardaríamos o espírito de qualquer evolução e a criação por parte de Deus, sendo que o espírito não pode originar-se da matéria. Mas até essa posição nos leva a deixarmos o corpo com os naturalista e os espírito com o teólogos, a pergunta que vem a seguir é se pode dividir assim o homem, que por sua natureza se faz necessária essa união.

Também Alfredo Dinis S.J., em um artigo da revista portuguesa, Brotéria, nota claramente que este aspecto desde algum tempo foi recusado pelo pensamento da Igreja, desde a época de Pio XII, quando ele escreveu a HumanisGêneris, não foi aceita a tendência da biologia ter uma espécie de 'filosofia primeira' na tentativa de absorver todos os níveis da explicação da realidade. Ele nos mostra que no pensamento de Ratzinger também se encontrou esta objeção:

Ratzinger também não aceita uma fácil e completa separação de tarefas entre a biologia e a teologia, como se a primeira se devesse ocupar da origem do corpo humano e a segunda da origem da alma humana. Esta separação tem dado origem a alguma controvérsia

entre os autores cristãos, controvérsia centrada na questão da origem e natureza da alma humana (Brótéria p. 537).

Por outro lado, tem-se o perigo de criarmos um dualismo de alma e corpo, o que poria em perigo a tradição milenar filosófica-teológica, a imagem completa do ser humano. Poderia ocasionar um perigoso dualismo; matéria-espírito, corpo-alma, sobrenatural-natural etc. Ratzinger cuida desta questão e a preza, no seu livro *Introdução ao Cristianismo*, ele critica o paradigma filosófico grego, para sustentar a unidade de Corpo e Alma.

A concepção grega tem como base a doutrina da coexistência de duas substâncias no homem, estranhas entre si, das quais uma (o corpo) se desfaz, enquanto a outra (a alma) é imortal por si e, por isto, continua existindo, independente de qualquer outro ser. Com a separação do corpo, elemento estranho à sua natureza, a alma alcançaria toda a sua individualidade. Pelo contrário, o pensamento bíblico supõe a indivisa unidade do homem; por exemplo, a Escritura desconhece qualquer palavra que designe exclusivamente o corpo (separado e distinto da alma) e, vice-versa, o vocábulo 'alma' denota, às mais das vezes, o homem inteiro, existente corporalmente; os poucos tópicos onde transparece outro modo de ver, conservam-se oscilando entre o pensamento grego e o hebraico, sem contudo abrir mão do modo antigo de ver (RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 2014, p.257).

Como então termos uma resposta segura e que nos sirva para nos apoiarmos frente o dilúvio de ideias que veem pela frente?

3 O CAMINHO PARA UMA SOLUÇÃO NESSE QUESTIONAMENTO, SEGUNDO RATZINGER

3.1 UM OLHAR PARA OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO GÊNESIS.

Para chegarmos a uma conclusão, Ratzinger nos indica que a melhor forma de conseguir um caminho seguro é seguirmos por uma estrada que antes parecia não ser de muita importância, mas que agora nos servirá como um respaldo necessário, o ponto de partida para uma resposta.

Até que ponto a fé está ligada à admissão da criação das diversas realidades do mundo por Deus? Essa pergunta um tanto superficial pode ser reduzida a um problema geral que poderá representar o centro de toda a nossa questão. A ideia de um mundo em formação pode ser acolhida com o pensamento bíblico fundamental da criação do mundo pelo Verbo, com a redução do ser a um sentido criativo? A ideia do ser expressa nisso pode coexistir internamente com aquela do devir como o propõe a teoria da evolução? (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 134)

Na tentativa de resposta, Ratzinger vê que antes de tudo, temos que não bater diretamente o pensamento criacionista contra o pensamento evolucionista, mas antes procurar enxergar do ponto de vista do outro. É nesse caminho que ele nos mostra uma falsa atribuição da imagem do mundo para a fé, se identifica uma falsa imagem para os que tem fé, de modo que essa sim causa muitas objeções aos naturalistas.

Como aquela imagem do mundo segundo os primeiros capítulos do Genesis, que muito se tem dito a respeito, por nos relatar a criação de todo o mundo durante os seis dias, porém a história nos salvaguardará, como cita Ratzinger, houve também na história da Igreja, os teólogos, padres da Igreja, que se perguntavam pela veracidade desta visão do mundo, pois a eles também, esta mesma lhes pareciam tão pouco científica como a nós. Uma vez que esses relatos exprimem a concepção do mundo do Oriente Antigo, principalmente daquela região Babilônica, e os padres da Igreja ainda viviam na cultura helenista, eles se depararam com uma concepção fora dos quadros aceitos por eles, com certeza, devia vir de auxílio, como a nós, o fato da Sagrada Escritura ser uma literatura que abranja um período de todo um milênio.

Tudo isso diz muito, porque a amplitude desse campo é imensa, primeiro que nesse tempo todo, há aspectos de uma concepção do mundo dos babilônicos como também a dos helênicos, do Gênesis à literatura sapiencial. Há uma evolução também nas forma de interpretar essa criação, se olharmos para os textos dos Gênesis que tanto conhecemos e os compararmos com a criação nos livros sapienciais se nota uma clara diferença.

Em sua obra Fé e Futuro ele conclui que hoje em dia compreendemos tais imagens como expressões simbólicas sobre o homem. Estas imagens estão em um plano totalmente distinto ao descrito pela doutrina da evolução e da biologia, não negando as suas verdades, ele nota que inclusive é uma verdade mais profunda, pois alcança o mais autêntico humano do homem que as afirmações da ciência natural (RATZINGER, Fé y Futuro, p. 15).

Por isso que ele nos faz ver que já dentro da Bíblia a fé e a imagem do mundo não são idênticas; a fé se serve de uma concepção do mundo, mas não coincide com ela. Por isso se nota como mudaram as formas intuitivas da imagem do mundo, sem temer um perigo para o que propriamente se pensava. As imagens para a explicar a origem do mundo podem mudar, mas o essencial é a fé que prevalece, que sempre respondia a uma pergunta que leva a limites além das concepções do universo.

Alfredo Dinis S.J. aponta a respeito da criação da alma humana por Deus que enquanto no criacionismo se baseava numa interpretação literal dos três primeiros capítulos do Gênesis e tinham uma explicação simples para aquilo, contudo não a podemos encontrar a mesma nos parâmetros do pensamento evolucionista, isto não se enquadra.

Dinis comenta ainda que a questão da criação da alma é sempre discutida, até mesmo no Gênesis é possível ver dois os dois momentos da criação de Adão, primeiro o corpo do pó da terra, depois alma, quando Deus soprou no barro (Brotéria p. 537).

Em 1996 em uma mensagem à Pontifícia Academia das Ciências, São João Paulo II aborda sobre uma continuidade de pensamentos, neste caso ao do seu predecessor, Pio XII, quando falava da origem alma a partir de Deus e reafirmando a dignidade do Homem, ao ter sido criado à imagem e semelhança de

Deus. São João Paulo naquela ocasião citou a *Gaudium et Spes*, nos lembrando que é a partir dessa dignidade que podemos estabelecer uma diálogo com o nosso Criador, uma comunhão (Mensagem de João Paulo II à sessão plenária da Pontifícia Academia das Ciências 22.10.96.).

A primeira vista esta resposta satisfaria, mas se tratando do espírito, não podemos lidar com o mesmo método da ciência natural, com as análises, experiências e as comprovações, para ambos sempre haverá um limite intransponível se dividíssemos o homem assim, porque cada um dos dois campos, o dos teólogos e da ciência, compreende-se diferente esse mesmo homem.

Estaria então errado dizer então que a teoria da evolução é como um produto da fé? Evidentemente que esta maneira seria um tanto quanto tola, assim como dizer que a mesma é uma ilustração da teoria da evolução e tentando afirmar uma com a outra. Também comentando sobre esse ponto, o cardeal, na sua obra, Fé e mistério, evidencia a esse respeito, falando do capítulo da queda no paraíso, onde verificamos as incongruências dos dois pontos de vista.

Nos capítulos seguintes surgem novas perguntas, com a história da queda: como é que se pode compaginar com o ponto de vista de que o homem, segundo a indicação das ciências natureza, não começa a partir do alto, mas sim do baixo, não cai, antes se ergue lentamente, estando ainda em curso a sua transformação de animal em homem? E o paraíso? Havia sofrimento e morte na Terra muito antes de aparecer o homem, cresciam cardos e espinhos muito antes de o homem abrir os olhos e, mais uma vez, esse primeiro homem mal tinha consciência de si mesmo, lançado que estava na necessidade de uma existência que consegue vingar de modo fatigante, muito longe de possuir aquele dom de conhecimento perfeito que a antiga doutrina do paraíso lhe atribui (RATZINGER, Fé e Futuro p. 15)

Olhando dessa forma nos saltam às vistas, a diferença das duas posições, o que nos levaria de volta para o ponto de partida, se Ratzinger não nos indicasse a direção a ser tomada. Ele pergunta se podemos nos ater com a imagem evolutiva do mundo pode ser entendida como expressão da criação? (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 136).

3.2 O MUNDO COMO UMA REALIZAÇÃO DE UM PENSAMENTO CRIADO

Na sua explicação no artigo 'A fé na criação e a teoria evolucionista', ele nos dá os passos a serem percorrido, antes porém, se propondo a nos dizer o que

significa a fé na criação em relação a compreensão evolutiva do mundo. A primeira questão abordada é a dificuldade de se ver um paralelo entre as duas, porque a fé exprime a convicção de que o mundo, como um todo, provém do Logos, da razão criadora de Deus, a forma temporal da realização de si mesma. Deus dá a unidade a um ser, um todo que é abarcado pelo único ato criador de Deus.

A fé na criação não fala justamente da natureza do sentido do mundo, mas apenas se interessa por ele, em si mesmo. Nisso tudo se realiza o pensamento criador de Deus, nesse movimento ascendente e descendente do ser em formação, ele se concretiza e tem a sua realização. Para o pleno entendimento, fiquemos com as próprias palavras do autor:

Resumindo tudo isso, podemos dizer: crer na criação significa entender na fé o mundo em devir, revelado pela ciência com um universo racional proveniente do intelecto criador (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 137).

Diferente do que ele ser guiado por um acaso, temos o mundo como uma realização de si mesmo, de um pensamento criador. Aqui então é dizer que o espírito foi criado e não somente produto da evolução. E por fim temos de nos deparar com a interrogação de como a afirmação teológica da criação pode permanecer juntamente com uma imagem evolutiva do mundo?

Joseph Ratzinger diante dessa pergunta, em primeiro lugar expõem que a criação não significa um começo distante, mas que em Adão todos nós nos encontramos. O termo Adão, engloba toda a humanidade, todo homem, pois todos nos referimos diretamente a Deus. Cada ser humano é muito mais do que um aglomerado de células e ações e reações, mais do que o produto da massa hereditária e do ambiente, ou então fatores que possam ser calculados. O homem é querido por Deus de forma particular, de um modo específico, não apenas tendo a existência, mas principalmente tendo o conhecimento que identifica o seu Criador, não apenas como uma estrutura biológica muito desenvolvida e sim por ser um ente pensante.

A partir daqui, poder-se-á estabelecer uma verdadeira diagnose sobre o modo da humanização: a argila se tornou homem no momento em que o um ser, pela primeira vez, embora do modo mais imperfeito, pode formar o pensamento de Deus. O primeiro tu que — por mais balbuciante que tenha sido — foi dito a Deus por boca humana designa o momento no qual o espírito surgiu no mundo (RATZINGER, Dogma e Anúncio p.)

Para Ratzinger, o essencial para mostrar a legitimidade da criação, mostrar o seu centro, é justamente o fato do homem, não ser exaltado pelo progresso, as invenções, armas ou o uso do fogo, mas sim pela sua capacidade de relacionar-se imediatamente com Deus.

O surgimento da homem é o ponto em que surgiu o espírito, o que dificulta para as ciências que em vão, conseguirão encontrar esse instante em suas escavações e análises. Ele conclui que a teoria da evolução não elimina a fé, bem como não a confirma. Só leva o homem a procurar entender mais a si mesmo, a conhecer que ele é um ser que sempre deve dizer o tu a Deus (RATZINGER, Dogma e Anúncio p. 139).

Em outra sua obra, a Introdução ao Cristianismo, a chave desta questão está em Cristo, sendo ele Deus e homem, toda humanidade é elevada em sua dignidade, acrescidos ao caminho de se encontrar a si própria. E Cristo, o primogênito de toda a criatura, o homem compreende mais a sua vocação ao olhar para a sua face. A chave do pensamento de Ratzinger repousa no grande acontecimento da humanidade, a Encarnação de Cristo, a união da nossa pobre natureza com a sua natureza divina.

Pela encarnação, esse mesmo homem, fruto de tantas discussões acaloradas a respeito da sua origem, se eleva a uma condição nunca vista antes, não produzida nunca por nenhuma evolução, realizando dessa maneira um salto. Salto este que é até mesmo maior de quando Deus criou este homem, ao infundir na matéria do seu sopro o espírito, ao fazer um ser diferente do que até então não existia, não anjo e nem animal, mas simplesmente homem, que pode elevar os seus olhos para Deus e estar aberto a ele.

Com todo essa bagagem, entendemos como foi esclarecedor Ratzinger eleito papa, ter dito em sua primeira homilia, no início do seu pontificado, que não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é um fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, amado e necessário. Em casa ser humano, não olhamos simplesmente para um macaco evoluído, a sua alma diz muito mais do que isso, e se podemos perguntar com Ratzinger o que faz o homem um ser humano, ouviríamos dele a seguinte resposta: “O que distingue o ser humano, na perspectiva do alto, é o fato de Deus dirigir a ele a palavra, o que significa que ele é interlocutor de Deus, que é o ser chamado por Deus”

(RATZINGER, Introdução ao Cristianismo, p. 260). Isto indica a abertura que o homem tem para Deus, sua transcendência, ao invés de olhar para baixo a procura de vestígios arqueológicos e entender a sua origem, ele o faz muito melhor olhando para cima e se encontrando em Nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição do pensamento de Joseph Ratzinger é como o abrir de um leque, aprendemos antes a ter muita paciência ao encaramos essas ideias, para aqueles que vestem a teoria da evolução, notem todos os aspectos dela, até mesmo os que não lhe interessam. Para a pessoa que vive a fé na criação, entenda corretamente o que engloba o seu pensamento.

O maior perigo é situarmos no mesmo patamar as duas correntes, pois elas são realidades diferentes e possuem pontos de partida ontologicamente distintos. Aprende-se com Ratzinger, a não fazer um julgamento imparcial, bastaríamos dirigirmos nossos olhares para determinadas direções.

Um deste é não excluir a possibilidade da teoria da evolução ser também, nas mãos de Deus, um instrumento criado por Ele. Outro é entender que ela somente é uma teoria, uma hipótese, não fazer dela o princípio universal de todas as coisas, se fizéssemos isto, estaríamos colocando-a no lugar de Deus e fazendo dela um deus.

Por fim, a chave fica além de todas as escavações e pesquisas, ela situa-se na primazia do Primogênito de todas as coisas, Jesus. Só no logos encarnado, encontramos o sentido e origem do criado, entendemos que todos caminhamos para uma salvação tem o ápice na vida da graça. Como o Joseph Ratzinger em um dos seus livros afirma, essa salvação de todos não é apenas uma promessa, mas uma antecipação (RATZINGER, PAULO FLORES, Deus existe, p. 115)

Para ambas as partes, fica a mesma lição, acreditar em um universo, origem e finalidade de si mesmo, demonstra a falta de conceitos filosóficos e religiosos, mas também da parte da criação, só ter fé não adianta uma vez que ela necessita de obras. A maior grandeza do homem não é saber de qual espécie ele é primo ou de qual barro foi feito, mas sim continuar com o seu eterno diálogo com Deus, uma vez que ele é o único ser que cumpre isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIZZO, Nélio. *Novas bases da Biologia*, vol. 3, São Paulo, editora ática, 2012.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 8. ed. São Paulo, editoras Vozes, Paulinas, Loyola e Ave Maria, 1998.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II, Constituições decretos declarações, 27^a ed. Rio de Janeiro, editora Vozes.
- CHARDIN, Theilhard. *Mundo, Homem e Deus*, 3 ed. São Paulo, Editora Cultrix.
- CINTRA, Jorge Pimentel. *Evolucionismo Mito e Realidade*, São Paulo, Quadrante, 1988.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Tradução John Green. 4. ed. São Paulo, Martin Claret, 2014.
- PAULO II, Papa João. *Fides et Ratio*, 6^a ed. São Paulo, Paulinas, 2002.
- SARTO, Pablo Blanco. *La Teología de Joseph Ratzinger, Una introducción*. 2 ed. Madri, EdicionesPalabras, 2011.
- MORALES, José. *El misterio de la creación*, 2. ed. Navarra, EUNSA, 2000.
- PIO XII, Papa. *Humani Generis*, encontrado no DenzingerHünemann, São Paulo, Edições Paulinas e Loyola, 2007.
- RATZINGER, Joseph, D'ARCAIS, Paulo Flores. *Deus existe?* Tradução Sandra M. Dolinsky. São Paulo, Editora Planeta.
- RATZINGER, Joseph, *Dogma e Anúncio*, São Paulo, Edições Loyola.
- _____. *Introdução ao Cristianismo*. Tradução Alfred J. Keller. 7^a edição, São Paulo, Edições Loyola.
- _____. *Fé y Futuro*, Salamanca, EdicionesSígueme, 1973.
- AQUINO, Santo Tomás de, *Suma Teológica*. v. II, 3^a edição. São Paulo, Edições Loyola.
- REVISTA BROTÉRIA CRISTIANISMO E CULTURA, outubro 2009, vol. 169, Oficinas gráficas de Barbosa e Xavier.